

MARCUSCHI, L. A. (2007). *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna (Série Dispersos). 176 pp. ISBN: 978-85-86930-66-9

Esta é a segunda coletânea de trabalhos do linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi publicada na série *Dispersos* da Editora Lucerna. Enquanto a primeira reuniu trabalhos sobre diversos fenômenos da lingüística, os sete ensaios que compõem a coletânea *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais* traz trabalhos resultantes de pesquisas recentes sob a perspectiva sócio-cognitiva e interacional. Nestes ensaios Marcuschi investiga as relações entre cognição, interação verbal e produção de sentido, com ênfase em questões de referenciação, inferenciação e categorização, trazendo novas reflexões sobre antigos problemas. Em cada um dos sete ensaios que compõe esta coletânea, o leitor é convidado a rever algumas questões polêmicas e repensá-las à luz de novas teorias ou de novas formas de ver as próprias questões.

No primeiro ensaio, *Coerência e cognição contingenciada*, o problema discutido é “o modo como construímos a coerência textual” particularmente em textos orais espontâneos do tipo dialogado, em interações face a face. Postulando a coerência como um processo de produção de sentido e não uma propriedade textual, ou seja, algo dinâmico e não estático, Marcuschi propõe que a coerência é um critério de textualização e não um princípio de textualidade. Neste sentido, segundo o autor, a coerência antes de ser um requisito a ser preenchido pelo texto, seria uma atividade desenvolvida num movimento de colaboração. Essa visão da coerência contingenciada implica numa noção mais ampla do processo de significação; em outros termos, que é necessário ultrapassar a análise da língua como código, ultrapassar uma semântica centrada na língua e adotar uma semântica referencial. Ilustrando sua tese com uma conversa espontânea entre sete amigos, Marcuschi mostra que é um erro buscar coerência e sentido em produções orais espontâneas apenas na sequência linear de tópicos ou referentes, pois o uso da língua no dia a dia se revela “marcado pelo fortuito da ocasião e pelas necessidades localizadas e situadas em contextos cognitivos que se organizam contingenciadamente” (p. 29).

No segundo ensaio *Cognição, explicitude e autonomia no uso da língua* defende a tese de que a idéia da supremacia cognitiva do texto escrito é um mito. O autor postula que não há alguma virtude imanente que torna o texto escrito cognitivamente mais poderoso que o texto oral. Para defender esta tese, cada um dos três termos componentes do título, cognição, explicitude e autonomia, são discutidos. Primeiro, a muito debatida noção de cognição é discutida a partir de vários pontos de vista teóricos. Em seguida, a noção de explicitude, vinculada aos aspectos sociais, culturais e situacionais e a noção de autonomia da língua na relação com os processos de construção de significação são analisados. Por último, investiga-se como essas três noções se relacionam com a oralidade e a escrita, especialmente com respeito à questão de se há ou não diferenças sistemáticas.

Defendendo a tese de que a linguagem deve ser vista como um sistema simbólico de grande maleabilidade com o qual se pode dizer criativamente o mundo, o terceiro ensaio, *Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa* revê a questão da referência. Partindo da premissa de que os processos de referenciação têm papel central na construção do mundo de nossas vivências, o autor postula que as referências são elaboradas e transmitidas discursiva e interativamente, admitindo dessa forma que a referenciação é uma atividade criativa, um ato de construção criativo e não um simples ato de representação ou de designação.

Em *Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido*, o autor se dedica a responder a pergunta: como é que uma coisa chega a ser *uma coisa* do modo como nós a apreendemos? Após declarar a falência do representacionalismo, o autor discute a necessidade da atividade inferencial, a categorização como atividade discursiva, a recorrência situacional como fundadora e a dimensão discursiva das atividades referenciais e categoriais. Na base dessas discussões o autor mostra que a experiência humana não é um dado natural, mas decorre de um trabalho social e histórico. Desta forma defende que a produção de significação resulta de atividades coletivamente conduzidas.

No quinto ensaio, *Atos de referenciação na interação face a face* Marcuschi mostra que a noção de verdade como correspondência é irrelevante para o processo referencial e que a referenciação na relação face a face é fruto de uma atividade colaborativa e não uma simples convenção lingüística. Os argumentos do autor são ilustrados com exemplos claros que apóiam sua tese que referir é essencialmente um processo em que crenças, interativa e publicamente elaboradas e admitidas, são explicitadas.

A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização trata do problema da construção das categorias numa língua e numa cultura por uma comunidade de mentes sociais e históricas. Marcuschi se propõe demonstrar que “o problema central não é saber se o mundo está pronto, mobiliado por alguma divindade, cabendo-nos captá-lo conceitualmente, ou se o mundo tem uma ordem dependente do mobiliário de nossas mentes repletas de verdades *a priori*, mas sim *como* a ordem –seja qual for– é percebida, construída, comunicada e utilizada”. Para o autor, a ordem de nossos conhecimentos não é uma ordem natural, mas uma ordem basicamente cognitiva, histórica e sócio-interativa.

O último ensaio *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto* discute alguns dos conceitos e noções desenvolvidos nos outros ensaios no âmbito do hipertexto. Para o autor, o hipertexto é uma forma de *organização cognitiva e referencial* cujos princípios não produzem uma ordem estrutural fixa, mas constituem um conjunto de *possibilidades estruturais que caracterizam ações e decisões cognitivas* baseadas em (séries de) referenciações não-continuas nem progressivas.

Os trabalhos reunidos nesta obra constituem, sem dúvida, uma valiosa contribuição para melhor entender algumas das questões mais complexas postas hoje sobre os processos sócio-cognitivos que intervêm na produção de sentidos na interação verbal.

Judith C. Hoffnagel
Núcleo de Estudos da Língua Falada e Escrita
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
hoffnagel@uol.com.br